

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO – *Campus Sorocaba*
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Letícia Duarte de Araújo

DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS MINI-
HISTÓRIAS EM FOCO

Sorocaba

2020

Letícia Duarte de Araújo

DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS MINI-
HISTÓRIAS EM FOCO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas e Educação da Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba, para obtenção de grau licenciado em Pedagogia, pela aluna: Letícia Duarte de Araújo; RA: 639443. Orientação: Prof^a. Dr^a Débora Dainez.

SOROCABA

2020

Araújo, Leticia Duarte de

Documentação pedagógica na educação infantil: as mini-histórias em foco / Leticia Duarte de Araújo -- 2020.
53f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Débora Dainez

Banca Examinadora: Fernanda Theodoro Roveri, Lucia
Maria Salgado dos Santos Lombardi

Bibliografia

1. Educação Infantil, Documentação Pedagógica, Mini-histórias . I. Araújo, Leticia Duarte de. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

ARAÚJO, Leticia Duarte. **Documentação Pedagógica na Educação Infantil: as mini-histórias em foco**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2020.

FOLHA DE APROVAÇÃO

LETÍCIA DUARTE DE ARAÚJO

DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS MINI- HISTÓRIAS EM FOCO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas e Educação da Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba, para obtenção de grau licenciado em Pedagogia, pela aluna: Letícia Duarte de Araújo; RA: 639443. Orientação: Prof^a. Dr^a Débora Dainez. Sorocaba, 18 de dezembro de 2020.

Orientador(a)



Prof^a. Dr^a Débora Dainez

Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba

Examinador(a)



Prof^a. Dr^a Fernanda Theodoro Roveri

Prefeitura Municipal de Campinas

Examinador(a)



Prof^a. Dr^a Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi

Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, que me ensinaram a amar as crianças e assim aprendi a amar a vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus, pois, através da sua infinita misericórdia, permitiu que mais uma etapa esteja se concretizando em minha vida. Agradeço a minha família, em especial aos meus pais que sempre me ampararam e me motivaram a nunca desistir de todo este processo.

Também agradeço a Prof^a Dr^a Fernanda Roveri, que me orientou no início desta pesquisa, colaborando com os primeiros passos. Me apoiando em um momento muito importante, do qual decidi me aprofundar no campo da educação infantil.

Agradeço a minha orientadora Prof^a Dr^a Débora Dainez, pois, mesmo com todas as dificuldades que 2020 trouxe, não permitiu que a distância e as orientações remotas impedissem de proporcionar toda a atenção e esforços necessários para a concretização deste trabalho. Me fazendo amadurecer e me preparando mais ao universo acadêmico.

À Prof^a Dr^a Lucia Lombardi, minha eterna gratidão, por me acompanhar desde o início da graduação, me incentivando e inspirando a encontrar na arte da fotografia o olhar poético sobre a captura de cada momento. Sendo uma das minhas motivações a ir atrás de pesquisar uma temática que discutisse a linguagem fotográfica no cotidiano da educação infantil.

Agradeço os meus colegas da turma Pedagogia 015 da UFSCar/Sorocaba, principalmente ao: Matheus Henrique, Cassia Rala, Giovanna Trettel, Janaina de Oliveira e Tacyla Agum. São pessoas que se tornaram muito mais do que colegas de profissão, mas amigos que me acolheram, nos momentos mais difíceis e levarei essas amizades por toda a vida.

Em especial a Sara Bove, minha melhor amiga, irmã de coração! Uma joia preciosa que a UFSCar proporcionou. Sara sempre acreditou nos meus sonhos, mais do que eu mesma. Segurou minhas mãos e tem embarcado nessa trajetória ao meu lado.

Não poderia deixar de agradecer a todos os professores que fizeram parte de todo o processo da graduação. Cada um, em sua área, são profissionais que movimentam transformações na vida dos estudantes, assim ocorreu na minha formação. Se hoje sou outra pessoa, após passar pela UFSCar Sorocaba, devo à experiência de tudo o que aprendi.

Agradeço ao secretário, Celso, por sempre colaborar com os alunos, em todas as orientações das burocracias envolvendo o curso de pedagogia, sem perder a ética e

profissionalismo de uma forma humanizadora. Também a coordenadora Vanda Aparecida, por ter me ajudado em todos os momentos que precisei.

Gratidão aos demais profissionais e amigos que conheci nos estágios que vivenciei, em especial: Flávia, Lyah, Marci, Vivian, Edna, Júlia, Tatiane, Elaine, Sabrina, Lisandra, Juliano, Madalena, Mônica, Alana, Fabiana, Evelise, Anne, Paola, e tanto outros.

Também elevo gratidões a toda comunidade da Igreja Assembléia de Deus - campo de Sorocaba, do qual participo desde criança. Tenho a honra de ter ao meu lado pessoas que, além de compartilhar da mesma fé, me motivam a sempre buscar ser uma boa profissional e uma boa pessoa, independente de todos os meus defeitos.

Por último, agradeço de todo o meu coração, ao meu único sobrinho, Théo, que, apesar de ter apenas quatro anos de idade, me ensina todos os dias o quanto as crianças são capazes de narrar a vida em forma de poesia e me faz enxergar infinitas razões para sonhar.

RESUMO

ARAÚJO, Leticia Duarte. **Documentação Pedagógica na Educação Infantil: as mini-histórias em foco**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2020.

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica no campo da educação infantil. Analisa a distribuição de obras referentes ao período de 2010 a 2020 sobre documentação pedagógica com foco nas mini-histórias. Busca responder questões sobre como se concebe a documentação pedagógica nas pesquisas levantadas e como as mini-histórias se situam enquanto objeto de estudo dentro da temática abordada. Foram encontrados um total de 39 trabalhos em plataformas digitais de pesquisas, entre artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. A pesquisa apresentou dados significativos sobre como a documentação pedagógica é objeto de reflexão/ação/investigação do trabalho docente, permitindo o protagonismo da criança e as mini-histórias aparecem como um procedimento de documentação, ainda pouco conhecido e explorado.

Palavras-chave: Educação Infantil. Documentação Pedagógica. Mini-histórias. Pesquisa Bibliográfica.

ABSTRACT

The present study is a bibliographic research in the field of early childhood education. It analyzes the distribution of works relative to the period of 2010 to 2020 on pedagogical documentation with a focus on Ministories. It seeks to answer questions about how pedagogical documentation is conceived in the surveys raised and how mini stories behave as an object of study within the theme addressed. A total of 39 papers were found on digital research platforms, including articles, course completion papers, dissertations and theses. The research presents significant data on how the pedagogical documentation is object of reflection / action / investigation of the teaching work, allowing the children's protagonism and the mini-stories appear as a documentation procedure, still little known and explored.

Keywords: Early childhood education. Pedagogical Documentation. Ministories. Bibliographic research.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Mini-história: Alice e a Baleia - Protagonista: Alice (2.3 anos).....	25
Figura 2 Mini-história: Alice e a Baleia - Protagonista: Alice (2.3 anos).	26
Figure 3 Mini-história: Alice e a Baleia - Protagonista: Alice (2.3 anos).....	26
Figure 4 Mini-história: Alice e a Baleia - Protagonista: Alice (2.3 anos).....	27
Figure 5 Roda dos expostos (reprodução), ou roda da fundição	29
Figure 6 Mini-história: Pedro descobre Paulo	49
Figure 7 Mini-história: Pedro descobre Paulo	50

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Distribuição geral.....	34
TABELA 2: Distribuição por plataforma	35
TABELA 3: Concepção de Documentação Pedagógica.....	37
TABELA 4: Formas mais recorrentes de realizar uma documentação pedagógica.....	51
TABELA 5: Trabalho de Conclusão de Curso	39
TABELA 6: Distribuição por plataforma	40
TABELA 7: Concepção de Documentação Pedagógica.....	43
TABELA 8: Formas mais recorrentes de realizar uma documentação pedagógica.....	44
TABELA 9: Distribuição das produções por orientador	45
TABELA 10: Distribuição por instituições	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Lista de plataformas de pesquisa

ANPED Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

BDTD Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

SciELO Scientific Electronic Library Online

Lista de leis

DCNEI Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

ECA Estatuto da Criança e do Adolescente

LDB Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional

Lista de instituições

PUC Pontífica Universidade Católica de São Paulo

UFJS Universidade Federal de Juíz de Fora

UFRGS Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSCar Universidade Federal de São Carlos

UFSM Universidade Federal de Santa Maria

UnB Universidade de Brasília

UNISUL Universidade do Sul de Santa Catarina

UNISINOS Universidade do Vale do Rio dos Sinos

UFG Universidade Federal de Goiás

UFAM Universidade Federal do Amazonas

UFC Universidade Federal do Ceará

UFRN Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UPM Universidade Presbiteriana Mackenzie

USP Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	18
2.1 CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE E O PAPEL DA EDUCAÇÃO	19
2.2 LORIS MALAGUZZI E A ABORDAGEM DE REGGIO EMÍLIA CONSTRUÍDA NO SÉCULO XX: A EMERGÊNCIA DAS MINI-HISTÓRIAS	21
2.3 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL E AS POLÍTICAS PÚBLICAS: AVAÇOS POLÍTICOS E AMPLIAÇÃO DAS POSSIBILIDADES DE DOCUMENTAR A INFÂNCIA	27
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	27
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
6. REFERÊNCIAS	51

1. INTRODUÇÃO

A educação infantil, apesar de bem constituída ao longo das últimas décadas, ainda é uma área que revela diversos temas a serem explorados no campo científico. No processo histórico da educação brasileira, a educação infantil não deixou de sofrer mudanças significativas, assim como as demais etapas e modalidades de ensino. Entretanto, observou-se que, por mais que a educação, preocupada com a infância, tenha alcançado diversas mudanças, que buscam romper com a marca assistencialista e conquistas, que enxergam a criança como protagonista na educação e na sociedade, ainda há temas que encontramos desconexos de projetos pedagógicos sendo, muitas vezes, pouco discutidos ou até mesmo desconhecidos na dinâmica escolar.

Pesquisas de campo apresentam o quanto o modo de conceber a infância e as práticas na educação infantil ainda precisam ser investigadas e discutidas, por exemplo: criar possibilidades de acompanhamento e avaliação do desenvolvimento infantil no cotidiano *com* as crianças, e tornar essa discussão pública às famílias, gestores e todos os interessados. Esse modo de tomar as vivências infantis como objeto de estudo, não apenas no campo científico, mas no dia a dia como uma cultura escolar, ainda é muito distante da concepção de educação infantil brasileira, apesar de haver escolas que se movimentam nesse sentido.

Durante os cinco anos da minha graduação em pedagogia, tive a oportunidade de conhecer escolas de educação infantil e fundamental, públicas e privadas. O primeiro e o último estágio foram em escolas de educação infantil, com perspectivas, ao mesmo tempo, distantes e próximas entre si, sobre como conceber a criança, a infância e como proporcionar uma educação infantil de qualidade, que tenha em vista a criança como protagonista.

O que considero importante de relatar sobre minha passagem nessas escolas, foi como a experiência ampliou o meu olhar sobre a complexidade do trabalho pedagógico com as crianças, potencializando processos formativos e mobilizando ainda mais o meu desejo em aprofundar estudos no campo da educação infantil. Foi, portanto, a partir da vivência em um estágio não curricular, em uma escola privada de educação infantil, localizada em um município do interior do Estado de São Paulo, que surgiu o interesse em estudar as mini-histórias.

Procurando entender melhor o que eram as mini-histórias, observei que elas faziam parte da documentação pedagógica. Nesse momento houve um despertar sobre algo que me

incomodava, que era sobre como registrar os acontecimentos cotidianos da escola dando voz à criança.

Ao entender que a documentação pedagógica faz parte do cotidiano da educação infantil, e pode ser realizada de diversas maneiras, contendo especificidades e aprofundamentos, as mini-histórias passaram a ser lócus de investigação. Compreendi que essa forma de registro não se trata apenas de fotografias para “enfeitar” a escola, mas se configura como uma forma de documentação reveladora do desenvolvimento infantil, rica de beleza em toda a sua complexidade, narrada de maneira compreensível e que respeita os detalhes do imaginário infantil, trazendo à tona as maravilhas do cotidiano de uma escola da infância.

Da mesma forma, é importante ressaltar a importância da linguagem fotográfica na documentação pedagógica, indo na contramão de muitos materiais fotográficos que banalizam e expõem a imagem da criança. A fotografia, nessa perspectiva crítica e transformadora, abre espaço para a expressão artística do educador ao enxergar a criança como um ser capaz, com potencial de criar e recriar cultura.

Segundo Galvani (2016, p. 84) “as câmeras produzem imagens, que são construções de significados e não meramente registros de uma determinada coisa”, ou seja, cada fotografia possui a subjetividade de quem a registra. Desse modo, a mini-história apresenta a importância de conduzir estudos que valorizem a imagem da criança, refletindo sobre a manifestação poética desse modo de usar a fotografia enquanto objeto de pesquisa e assim contribuir para o professor melhorar a condição educacional da criança.

Meu interesse pelas mini-histórias também ocorre pelo uso da fotografia no campo da pedagogia, pois tive a oportunidade de percorrer por essa atividade em alguns momentos da graduação, quando professoras, em alguns estágios, pediam para que eu fotografasse momentos das crianças. Foram experiências marcantes da minha formação, o que impulsionou, cada vez mais, meu interesse pelo universo que compõe a fotografia na educação infantil.

Essas minhas vivências no âmbito do curso de pedagogia foram motivadoras do interesse em realizar um projeto de pesquisa sobre documentação pedagógica com foco nas mini-histórias. Conforme o projeto de pesquisa foi se delineando, percebeu-se a necessidade de realizar uma pesquisa bibliográfica, para mapear a produção disponível sobre esse assunto. Desse modo, formulamos como objetivo geral analisar os modos de conceber a documentação pedagógica e como as mini-histórias se situam enquanto objeto de estudo dentro dessa temática. Buscamos examinar como a mini-história tem sido abordada no

âmbito das produções científicas e qual é o seu papel nas práticas pedagógicas desenvolvidas na educação infantil.

Em termos organizacionais, este trabalho é dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo situa a emergência do objeto de investigação e expõe os objetivos da pesquisa. O segundo capítulo aborda o processo histórico da educação infantil de uma forma mais abrangente e focaliza a especificidade do contexto brasileiro, de forma a ressaltar a constituição das políticas públicas que asseguram a educação infantil como um direito social da criança. O terceiro capítulo apresenta os procedimentos metodológicos adotados. Descreve como o estudo foi ganhando estrutura através do processo de investigação bibliográfica, explicando os critérios de busca dos trabalhos relacionados ao tema nas plataformas digitais. O quarto capítulo mapeia as bibliografias sobre a temática abordada, tabulando-as e analisando-as. Nesse movimento de sistematização dos trabalhos encontrados, busca-se explicitar os resultados da pesquisa. Finalmente, o quinto capítulo oportuniza discussões sobre a concepção de documentação pedagógica e o papel das mini-histórias nas práticas educacionais. Considera-se que a mini-história é um procedimento de registro que traz implicado o protagonismo das crianças e também do professor, ou seja, nos revela um modo emancipatório de compreender a infância.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A infância não é algo que existiu desde os primórdios da humanidade. É uma concepção, relativamente nova, pois coube aos interesses dos pesquisadores dos últimos séculos, preocupados com o sujeito criança, trataram de conceituar cientificamente o que seria a infância e suas facetas.

Este capítulo tem como intuito abrir o caminho para os capítulos seguintes que se referem ao aprofundamento da temática principal abordada. Consideramos que, antes de discutir algum tema equivalente à educação infantil, é importante contextualizar sua historicidade, compreendendo que olhar para a história é respeitar seu processo de formação, é buscar conhecer como ele foi sendo constituído ao longo dos anos, décadas e até séculos.

As crianças têm muito a nos revelar. Entender o que é ser criança no mundo atual, não é olhar apenas para o agora, mas olhar o que se antecipou para buscar e perspectivar o caminhar da infância e da educação infantil. Não é possível “compreender radicalmente o presente se não compreender suas raízes, o que implica o estudo de sua gênese.” (ARCE, 2014, p. 33. *Apud* Saviani, 1999, p.11)

Algumas obras discutem a respeito da educação infantil, como as de Friedrich Froebel e Pestalozzi, conhecidos como um dos precursores do século XIX em promover uma educação voltada à infância com aspectos que iriam além do cuidar, assegurando um olhar pedagógico. Entretanto, apesar de haver mais relatos de crianças em obras pós Idade Média, é importante abrir a discussão sobre quem eram as crianças na Idade Média e anterior a ela; se havia uma ideia de infância.

Portanto, a intenção deste capítulo não é generalizar a história da educação infantil como se houvesse uma única e oficial história, mas mobilizar conceitos internacionais que influenciaram esse movimento no Brasil. A partir disso, busca-se desenvolver um panorama de como a nossa cultura compreende o que é infância, seu processo histórico e, especialmente, o que é educação infantil, pois a concepção de infância, construída historicamente, influenciará diretamente na noção de documentação pedagógica, uma vez que essa prática tenta transpor o desenvolvimento da criança através do olhar de seus educadores.

2. 1 CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE E O PAPEL DA EDUCAÇÃO

No sentido de compreender a história da educação infantil em termos gerais, Linhares (2016, p. 23) considera que “as mudanças historiográficas sobre o conceito de criança, começaram no século XX, mais precisamente na década de 1970 com a publicação do livro “História Social da Infância e da Família” (ARIÈS, 1981)”. A autora pontua que

Apesar das críticas feitas ao trabalho do autor, que giram em torno das limitações de suas pesquisas realizadas apenas na Europa, deixando de fora outras crianças, para os historiadores da infância, a obra de Philippe Ariès representa o início da percepção científica sobre o que é ser criança no mundo moderno (LINHARES, 2016, p.26).

De acordo com a autora, o conceito de infância surge a partir da Idade Moderna na Europa. As crianças ganham espaço nas obras artísticas produzidas na época, o que retrata o modo como a sociedade passa a conceber a infância. A criança começa a ser olhada não apenas pelo prisma da dependência, mas pelas possibilidades de aprendizagem. O uso de brincadeiras é um aspecto que ganha realce no processo de aprendizagem.

A Revolução Industrial foi um dos grandes marcos posteriores a Idade Média, pois o processo econômico feudal perdeu força e começa, o que temos até hoje, o capitalismo.

Máquinas tomaram o lugar da manufatura, as pessoas passaram a imigrar dos campos para os centros urbanos a fim de buscar trabalho, e o que mais encontravam eram trabalhos industriais.

Homens, mulheres e até crianças estavam sujeitas aos trabalhos fabris, valia de tudo pela sobrevivência, garantindo o sustento da família, até mesmo jornadas de trabalho de doze horas diárias. “A maquinaria permitiu o emprego de trabalhadores sem força muscular e com membros mais flexíveis, o que possibilitou ao capital absorver as mulheres e as crianças nas fábricas” (PASCHOAL e MACHADO, 2009, p. 80, apud MARX, 1986).

Com o crescimento da classe operária surgiram as mudanças nas estruturas sociais, a mulher cada vez mais se encontrava no chão da fábrica e não nos trabalhos domésticos. É nesse momento que surgem espaços em que as crianças começam a ser cuidadas por outras mulheres; na maioria das vezes, eram mães que se voluntariavam a esse trabalho e que não trabalhavam nas fábricas.

A preocupação acerca desses espaços era a da sobrevivência das crianças. Ambientes inóspitos faziam parte dessa realidade. Para além das necessidades básicas de higiene e saneamento, deflagrava-se situações de maus tratos e tortura, com a ideia de que a punição seria eficaz para a conduta em sociedade.

Com o passar do tempo surgiram algumas instituições filantrópicas que se preocuparam em dar maior atenção as crianças. Essas instituições tiveram suas primeiras aparições na Europa e nos Estados Unidos e eram voltadas aos cuidados e a proteção. As primeiras tentativas de creches nascem nesse cenário, porém com nenhum intuito pedagógico. As ações eram voltadas ao assistencialismo “cujo foco era a guarda, higiene, alimentação e os cuidados físicos das crianças.” (PASCHOAL e MACHADO, 2009, p. 81)

Conseqüentemente a esse movimento de assistência, apareceram instituições de caráter pedagógico como a Escola de Principiantes na França em 1769, Escola de Robert Owen na Escócia em 1816 e Jardim de Infância em Blankenburgo (Alemanha) de Friedrich Froebel.

A partir da segunda metade do século XIX, o quadro das instituições destinadas à primeira infância era formado basicamente da creche e do jardim de infância ao lado de outras modalidades educacionais, que foram absorvidas como modelos em diferentes países. (PASCHOAL e MACHADO, 2009, p. 81)

Froebel (1782 – 1852) denominou como “Jardim de Infância” os espaços em que acolhiam as crianças menores de oito anos, por acreditar que se tratava de um local em que as crianças eram como plantas de um jardim e as mulheres, que trabalhavam nesse lugar,

seriam as jardineiras que as “cultivariam”, ou seja, cuidavam e educavam os pequenos sujeitos.

Com o tempo, Froebel passou a aprimorar seu olhar sobre o jardim de infância, defendendo que a infância (mais conhecida hoje como primeira infância) era um momento crucial para a formação do ser humano; compreensão essa que requeria ações de cunho pedagógico. Juntamente com Froebel, encontra-se Pestalozzi (1746 – 1827) que seguia concepções pedagógicas próximas as de Froebel, sendo um dos primeiros autores a defender as relações afetivas no processo educativo, servindo como base para uma pedagogia da infância. Segundo Arce (2014), tanto o pensamento de Froebel quanto o de Pestalozzi, apresentavam uma visão de homem, sociedade e educação baseada no pensamento protestante, pois ambos eram confessos dessa vertente religiosa.

A pedagogia desenvolvida por Froebel foi uma das precursoras que daria embasamento às demais pedagogias produzidas durante o século XX, junto ao ideal de infância e educação, ele fundamentou seus estudos com base nas observações da aprendizagem das crianças através do brincar, especificamente por meio do jogo, que seria um caminho em que a criança poderia desenvolver seus “dons”.

Inspirados na pedagogia de Froebel, o século XX foi marcado por outros educadores que buscaram olhar para a criança e entender como ela pode ensinar, como ela desenvolve sua aprendizagem, como foi o caso de Célestin Freinet (1896 – 1966), Maria Montessori (1870 – 1952), John Dewey (1859 – 1952), entre outros muito conhecidos. Conseqüentemente, com o tempo houve um crescente número de escolas de educação infantil em diversos países, principalmente na Europa e Estados Unidos.

2.2 LORIS MALAGUZZI E A ABORDAGEM DE REGGIO EMÍLIA CONSTRUÍDA NO SÉCULO XX: A EMERGÊNCIA DAS MINI-HISTÓRIAS

A importância de compreender a abordagem das escolas da infância de Reggio Emília serve, justamente, para saber sobre como surgiram as mini-histórias, uma vez que passou a ser uma prática desenvolvida pelas escolas de Reggio e muito incentivada por Malaguzzi.

Loris Malaguzzi (1920 – 1994) foi um pedagogo italiano que ficou conhecido pelo trabalho desenvolvido na escola primária de Reggio Emília, município de Vila Minozzo (Itália). Após o fim da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), Reggio encontrava-se devastada, porém seus moradores estavam dispostos a tudo para reconstruí-la,

principalmente no âmbito educacional. Ao se deparar com todo esse cenário de uma grande dor histórica, mas com o raiar de esperança no que o futuro poderia proporcionar pela união de todos, Malaguzzi se apaixonou pelo entusiasmo daquela comunidade e se propôs a contribuir como educador.

As escolas de Reggio ganharam a atenção por volta da década de 1990, quando passaram a ser reconhecidas mundialmente como umas das melhores escolas de educação infantil no mundo.

Para entender a abordagem de Reggio é preciso se desvencilhar de uma concepção tradicional de pedagogia para a infância. É através do contato com teorias construtivistas, como a de Jean Piaget (1896 – 1980), que Malaguzzi desenvolve o que ficou conhecida como a pedagogia da escuta. Essa pedagogia busca valorizar a criança em sua integralidade. Nessa perspectiva, a criança passa a ser ouvida, seus interesses são valorizados, a forma como ela aprende é realçada. “Em Reggio, os professores sabem como escutar as crianças, como permitir que tomem a iniciativa e também como orientá-las de maneira produtiva.” (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, p. 14)

A pedagogia da escuta aborda um aspecto primordial no cotidiano das crianças que é incentivá-las a expressarem-se por diversas linguagens. O próprio ambiente escolar em Reggio configura-se como um ambiente de aprendizagens por proporcionar as diversas expressões das linguagens infantis: corporal, visual, verbal, musical, teatral, filosófica e todas as possibilidades de expressões.

Em Reggio toda a comunidade se envolve com a educação das crianças, não ficando essa apenas a cargo dos profissionais. Há uma ruptura de tudo o que separa a comunidade de se envolver com o cotidiano educacional das crianças. A educação é compreendida como uma atividade comunitária e uma forma de participação na cultura através da possibilidade da relação conjunta entre crianças e adultos (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999).

A pedagogia magaluzziana coloca a criança como protagonista da aprendizagem, sendo o brincar a peça fundamental nesse processo. É através da brincadeira que a criança explora com autonomia todas as suas linguagens, criando hipóteses, se reinventando, argumentando, observando e criando caminhos possíveis de vivenciar o mundo.

Foi através da observação do protagonismo das crianças que as escolas reggianas começam a registrar os momentos vividos por elas. Essa prática ficou conhecida como documentação pedagógica, podendo ser realizada de múltiplas maneiras: portfólio,

fotografias, vídeos, registro escrito e, em especial, as mini-histórias; uma vez que essas têm um papel revelador do cotidiano das crianças.

Segundo Fochi (2019), as mini-histórias surgem em Reggio Emília por volta dos anos oitenta, através de um projeto supervisionado por Malaguzzi: *I piccolissimi del cinema muto (Os pequenos do cinema mudo)*. O pedagogo passa a se interessar cada vez mais pela potência reveladora das fotografias sobre “gestos, olhares e expressões a partir de imagens no lugar das narrativas verbais das crianças” (FOCHI, 2019, p. 103).

Fochi (2019) explica que Malaguzzi passa a questionar as lacunas entre projetos de pré-escola e berçário, sendo a pré-escola a mais evidenciada. Os questionamentos de Malaguzzi, movimentaram a problematização sobre a existência de “outras formas de comunicação que não a palavra, utilizadas pelos bebês para construir e sustentar suas relações e vínculos”. (FOCHI, 2019, p. 104).

Malaguzzi valorizava projetos que problematizavam questões sobre o universo da educação infantil, bem como sobre a pedagogia e a infância. Para o pedagogo, a comunicação ia além de o simples ato de comunicar, “mas de mostrar como, a partir desta experiência, poderíamos pensar e conhecer a respeito de um universo ampliado de conteúdos e processos” (FOCHI, 2019, p. 104).

Desse modo, Malaguzzi apresenta criticamente a importância das imagens na construção de narrativas visuais, pois para ele “valer-se das imagens e de uma narrativa praticamente visual era a metáfora que o pedagogo precisava para discutir o valor das interações entre as crianças mesmo na ausência da palavra” (FOCHI, 2019, p. 104). A partir disso, Malaguzzi, em conjunto com os educadores de Reggio elabora as mini-histórias como um modo de comunicação. Em seu livro, que tem por título “Mini-histórias rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório Cultural da cultura infantil”, Fochi (2019, p.16) revela que

Os primeiros exemplares de mini-histórias da experiência pedagógica de Reggio Emília que se têm notícias são parte da exposição *L’occhio si salta il muro: narrativa del possibile (Quando os olhos saltam o muro: narrativas do possível)*, que mais tarde foi ampliada e rebatizada de *I cento linguaggi dei bambini (As cem linguagens das crianças)*, uma das mais importantes metáforas da obra pedagógica de Loris Malaguzzi.

Neste livro, Paulo Fochi também traz argumentos de Veia Vecchi (atelierista de Reggio Emília) e David Altimir (pedagogo e pesquisador catalão, que estagiou em Reggio). Veia Vecchi caracteriza as mini-histórias como uma forma de

Capturar, por meio de fotografia e das palavras das crianças, uma síntese que de a essência do contexto e das estratégias utilizadas pelas crianças carregadas de um sentido mais profundo do que está acontecendo [...] com o objetivo de

mostrar, o máximo possível, a aprendizagem, a atmosfera, o sentido de vida que pula dentro do grupo. (FOCHI, 2019, p. 17-18, *apud* VECCHI, 2013, p. 2011)

David Altimir acrescenta que a mini-história é “uma forma de escutar as crianças e de ajudar as famílias a escutar seus filhos” (FOCHI, 2019, p. 18, *apud* ALTIMIR, 2010, p. 84).

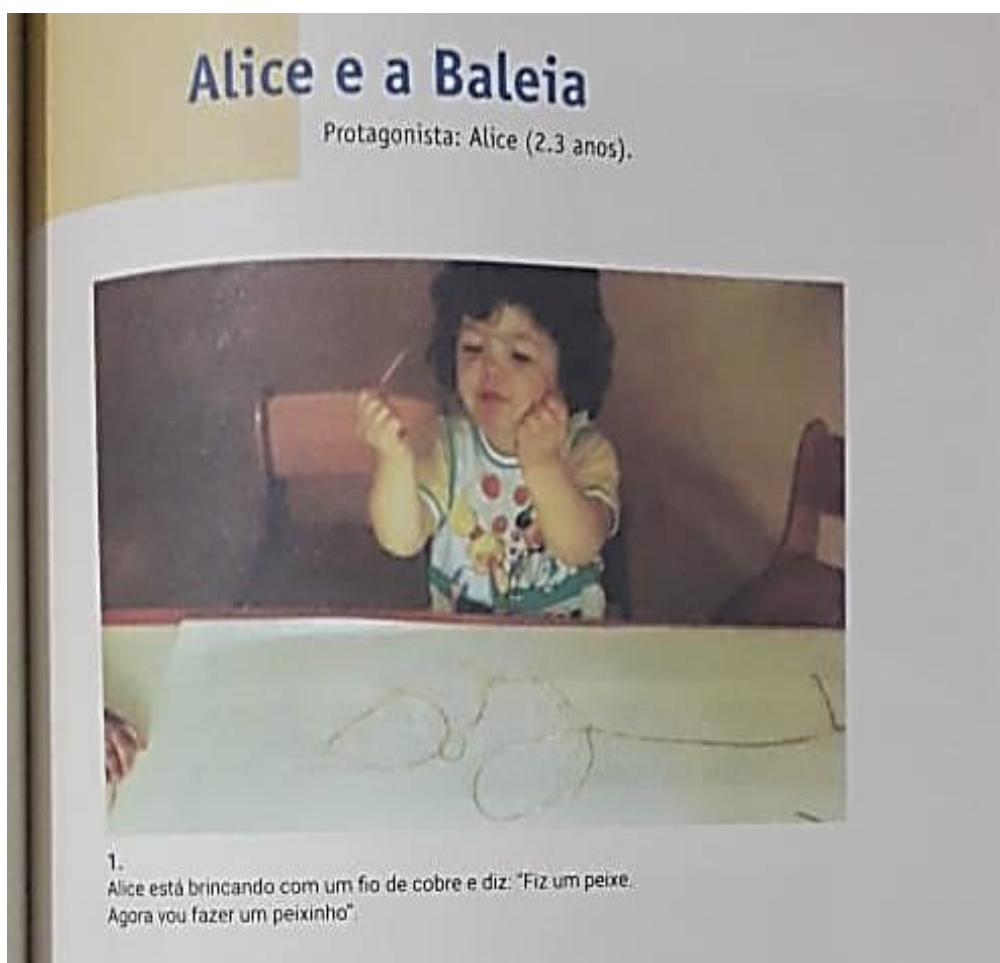
Neste sentido, é importante ressaltar a importância da Documentação Pedagógica, em especial das mini-histórias, enquanto forma de buscar a escuta das crianças e também refletir sobre como oferecer essa escuta. Para além de registros mecânicos, essa escuta é um processo de reflexão em cada material produzido, seja por meio de fotos, vídeos, registros escritos e tantas outras possibilidades. Essa ação de documentar a dimensão pedagógica, permite escutar e ser escutado através de documentos que evidenciam o aprendizado individual ou coletivo das crianças (GALVANI, 2016).

O educador também é considerado protagonista na Documentação Pedagógica, uma vez que é por meio do trabalho docente que ela é realizada, abrindo espaço para as subjetividades do profissional e como ele tem avaliado seu próprio trabalho. Assim explica Galvani (2016, p.53),

A documentação pedagógica é um processo de visualização, é poder enxergar visualmente o que os educadores selecionam como valioso, a voz que dão as crianças. Esse material precioso depende do olhar do professor, do olhar que escuta, do olhar que questiona, e não apenas o que deseja mostrar aos pais, pois é tornar evidente pra si mesmo e para as crianças suas potencialidades e suas experiências.

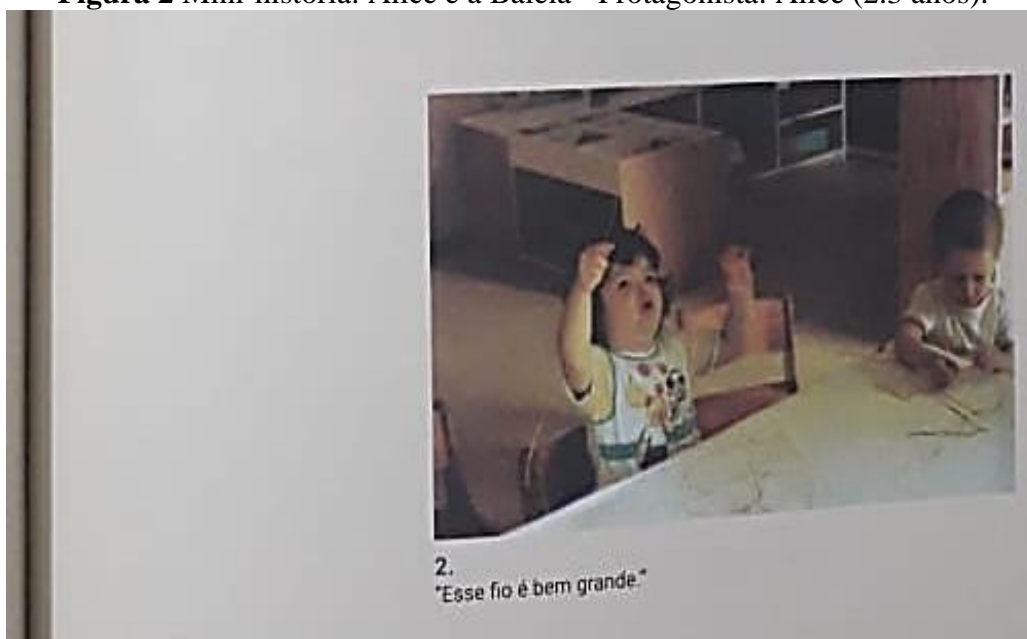
Portanto, compreende-se que a documentação pedagógica, é um instrumento em potencial, pois revela o desenvolvimento infantil. Por meio da documentação pedagógica o trabalho docente pode ser avaliado, partindo sempre do princípio de uma concepção de criança capaz. A mini-história configura-se como um procedimento de documentação pedagógica, que condensa o movimento de escuta à criança, potencializando um olhar pedagógico que acolhe e admira, que se aproxima e captura os fragmentos invisíveis do cotidiano, registrando as riquezas dos modos de vivência da criança.

Figura 1 Mini-história: Alice e a Baleia - Protagonista: Alice (2.3 anos).



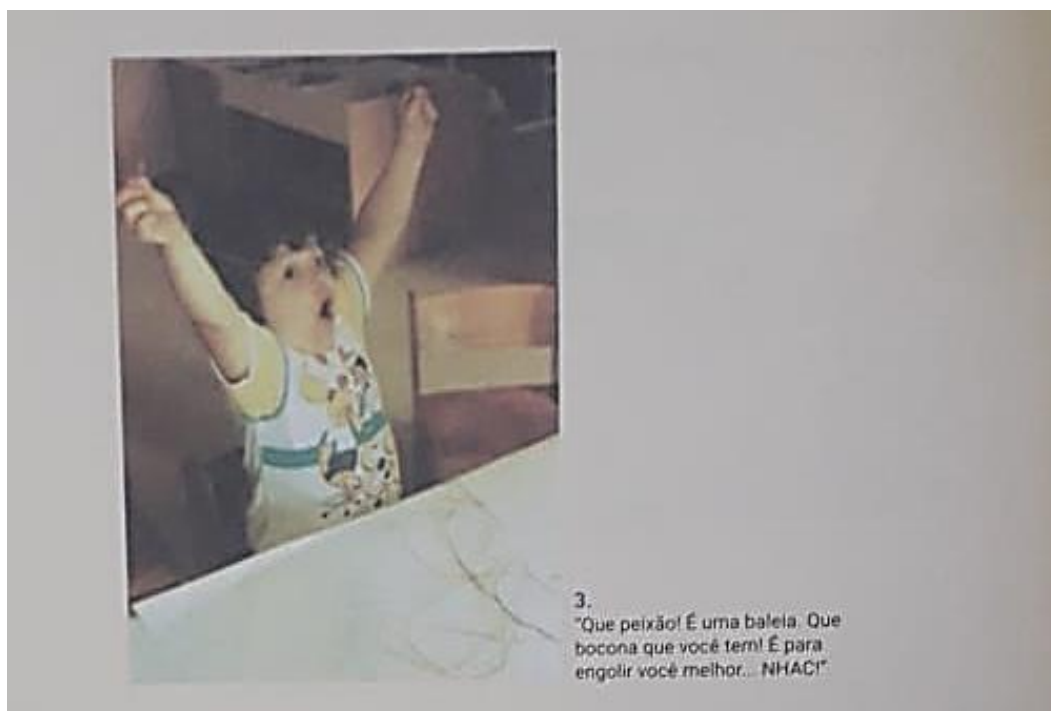
Fonte: REGGIO CHILDREN; ESCOLAS E CRECHES DA INFÂNCIA DE REGGIO EMÍLIA. **As cem linguagens em mini-histórias: contadas por professores e alunos de Reggio** Porto Alegre: Penso, 2021. p.

Figura 2 Mini-história: Alice e a Baleia - Protagonista: Alice (2.3 anos).



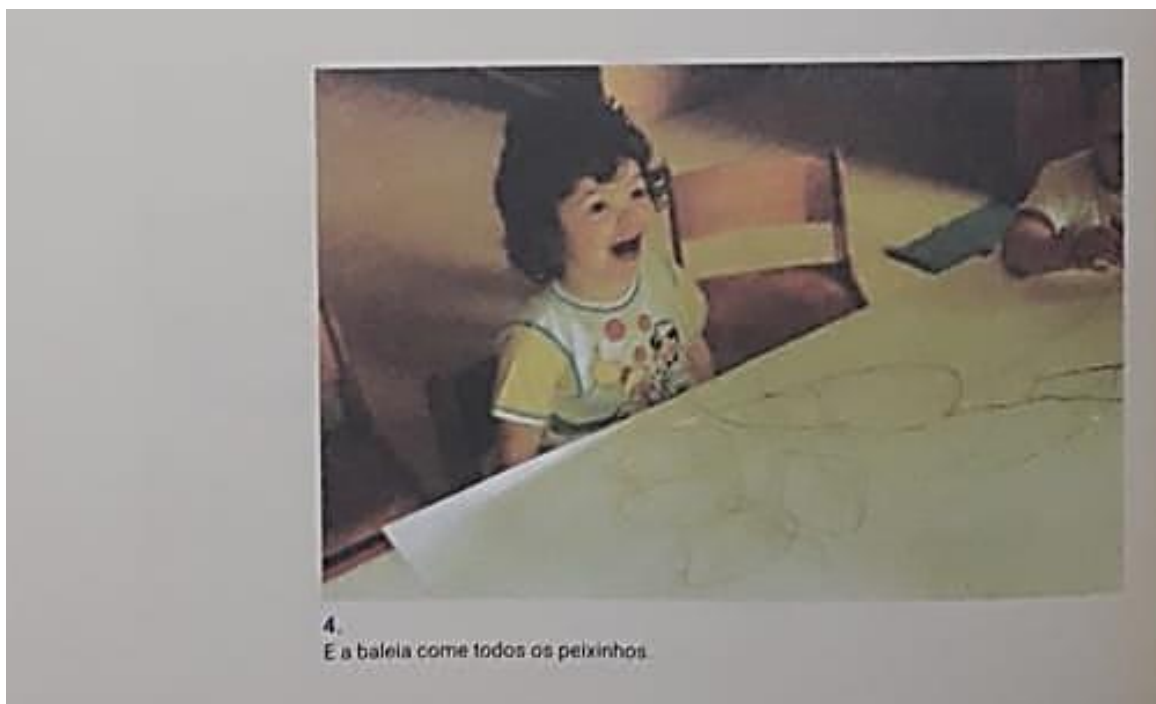
Fonte: REGGIO CHILDREN; ESCOLAS E CRECHES DA INFÂNCIA DE REGGIO EMÍLIA. **As cem linguagens em mini-histórias: contadas por professores e alunos de Reggio** Porto Alegre: Penso, 2021. p. 77.

Figure 3 Mini-história: Alice e a Baleia - Protagonista: Alice (2.3 anos).



Fonte: Fonte: REGGIO CHILDREN; ESCOLAS E CRECHES DA INFÂNCIA DE REGGIO EMÍLIA. **As cem linguagens em mini-histórias: contadas por professores e alunos de Reggio** Porto Alegre: Penso, 2021. p. 78.

Figure 4 Mini-história: Alice e a Baleia - Protagonista: Alice (2.3 anos).



Fonte: Fonte: REGGIO CHILDREN; ESCOLAS E CRECHES DA INFÂNCIA DE REGGIO EMÍLIA. **As cem linguagens em mini-histórias: contadas por professores e alunos de Reggio** Porto Alegre: Penso, 2021. p. 78.

2.3 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL E AS POLÍTICAS PÚBLICAS: AVAÇOS POLÍTICOS E AMPLIAÇÃO DAS POSSIBILIDADES DE DOCUMENTAR A INFÂNCIA

A infância no Brasil é marcada pela negligência ao longo da história e seu reconhecimento se deu a partir do século XX. Desde o período da colonização (1530 – 1815) é possível se deparar com relatos sobre a criança na sociedade da época, marcada pela educação jesuítica, iniciada pela Companhia de Jesus; momento em que as primeiras escolas surgem, porém sem uma concepção de infância definida (LINHARES, 2016).

A maneira como os jesuítas abordavam a educação era a da catequização dos povos indígenas e africanos, através de uma visão católica. As crianças eram alvos dos jesuítas pela facilidade de aproximação. A finalidade era educa-las contra o mundo “pagão”, desconsiderando sua cultura, valores e costumes. Conforme explica Linhares (2016, p. 55)

Essa herança invasora e escravocrata, contribuiu de maneira negativa a consolidação dos direitos da criança indígena, e, sobretudo aos afrodescendentes, como observamos nos escritos de autores como Mary Del

Priore e Sergio Buarque de Holanda, ambos dialogam aspectos da história da colonização portuguesa no Brasil e sobre quais contextos se encontravam as crianças no Brasil.

As crianças brasileiras estavam sujeitas ao mundo adulto, destituído de uma cultura com sentimento de infância. Somente em 1871 que surge o primeiro direito constitucional voltado às crianças, conhecido como a Lei do Ventre Livre: “refere-se que os nascidos se tornariam livres, garantindo o fim gradual da escravidão pela infância, assim como, a proibição da venda de crianças com idade inferior a 12 anos.” (LINHARES, 2016, p. 55)

A adultização das crianças era uma das consequências geradas pela pobreza. Mesmo as crianças nascidas livres não tinham oportunidades de ascensão social de maneira digna, respeitando cada etapa de seu crescimento. Desde muito cedo se encontravam obrigadas a trabalharem em prol da sobrevivência; eram raros os casos em que conseguiam ser apadrinhadas por algum parente ou pessoa que pudesse lhe proporcionar uma qualidade de vida melhor.

Segundo as explicações de Paschoal e Machado (2009, p. 82), no Brasil “as primeiras tentativas de organização de creches, asilos e orfanatos surgiram com um caráter assistencialista, com o intuito de auxiliar as mulheres que trabalhavam fora de casa e as viúvas desamparadas”.

Nesse movimento assistencialista, uma atividade muito comum e conhecida, era a famosa roda dos expostos/excluídos ou roda dos enjeitados. Como o nome já supõe, era um instrumento usado para acolher crianças recém-nascidas, abandonadas e anônimas. Geralmente feita de madeira, a roda era colocada em frente a lugares que acolhiam os bebês (conventos, orfanatos ou Santa Casas da Misericórdia), “Assim, a criança era colocada no tabuleiro pela mãe ou qualquer outra pessoa da família; essa, ao girar a roda, puxava uma corda para avisar a rodeira que um bebê acabava de ser abandonado, retirando-se do local e preservando sua identidade”. (PASCHOAL e MACHADO, 2009, p. 82).

A prática da roda dos expostos é uma prática importante de ser lembrada na historiografia da infância brasileira, primeiro porque ela não aconteceu apenas no Brasil, era muito comum desde a Idade Média e início da Idade Moderna em outros países. No Brasil, só foi extinta em meados de 1950, há menos de cem anos.

A roda dos expostos explica o quanto a desumanização para com as crianças, principalmente as pobres, foi algo culturalmente aceitável.

Figure 5 Roda dos expostos (reprodução), ou roda da fundição



Fonte: BURLEY, Paul R. Roda dos expostos (reprodução), ou roda da fundição, Igreja e Santa Casa de Misericórdia, Salvador, Bahia, Brasil. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Santa_Casa_de_Miseric%C3%B3rdia_Salvador_Bahia_Roda_Dos_Expostos_2019-0517.jpg . Acesso em 13 de jul. de 2020

Esses grupos assistencialistas começam a promover um lugar em que as crianças pobres poderiam ser cuidadas enquanto suas mães estavam trabalhando. É nesse momento que uma tentativa de creche aparece, mas ainda não se tornara uma preocupação do governo, apenas das instituições filantrópicas.

Enquanto para as famílias mais abastadas pagavam uma babá, as pobres se viam na contingência de deixar os filhos sozinhos ou colocá-los numa instituição que deles cuidasse. Para os filhos das mulheres trabalhadoras, a creche tinha que ser de tempo integral; para os filhos de operárias de baixa renda, tinha que ser gratuita ou cobrar muito pouco; ou para cuidar da criança enquanto a mãe estava trabalhando fora de casa, tinha que zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. A educação permanecia assunto de família. Essa origem determinou a associação creche, criança pobre e o caráter assistencial da creche. (PASCHOAL e MACHADO, 2016, p. 82 *apud* DIDONET, 2001, p. 13).

De acordo com Kuhlmann (2000), as instituições de educação infantil, passaram por um lento processo de expansão. Uma parte dessas instituições estavam ligadas aos sistemas de educação, e outra parte vinculada ao setor da saúde e da assistência, não priorizando o aspecto educacional.

Conforme aponta o autor,

A defesa do caráter *educacional* das creches foi uma das principais bandeiras do movimento de luta por creches e dos profissionais dessas instituições, que promoviam encontros para discutir suas condições de trabalho e se organizavam em entidades como a Associação dos Servidores da Secretaria da Família e do Bem-Estar Social, na cidade de São Paulo (ASSFABES). (KUHLMANN, 2000, p. 12)

Dessa forma, como podemos perceber, a educação da criança foi marcada pela desresponsabilização do Estado e pelo caráter assistencial.

Na década de 1980, organizações da sociedade civil começam a ganhar mais força, a centralização do poder enfraquece e, em 1988, face ao processo de redemocratização, promulga-se a nova e atual Constituição Federal. Nela, a educação é instituída como um direito social de toda a população, sem a necessidade de reivindicá-la por carência (LIBÂNIO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2008, p. 142).

A partir de então a educação da criança é reconhecida como um direito social, dever do Estado e opção da família. A criança passa a ser tratada como um sujeito de direitos e abre-se espaço para a emergência das políticas públicas voltada para a educação infantil, que tanto foi negligenciada por décadas.

Dos dispositivos constitucionais, desdobra-se o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado em 1991, com o propósito de defender a proteção às crianças e adolescentes de até dezoito anos de idade. O ECA esclarece e define o que são condições de maus tratos, crimes contra crianças e adolescentes. A regulamentação de amparo e proteção instituído pelo ECA abrange todas as dimensões que envolvem a criança e o adolescente: condições de trabalho ao adolescente, saúde, educação, esporte, cultura, lazer, liberdade religiosa, de pensamento, prioridades em políticas públicas, entre tantos outros.

A partir disso, institui-se a universalização do acesso à escola respaldada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, a qual define a educação infantil como primeira etapa da educação básica nacional. As creches e pré-escolas passam a fazer parte da Educação Básica. Fica garantido o desenvolvimento da criança de zero a seis anos em sua integralidade social, psicológica e física.

Esse marco proporcionou mais garantias, previstas na Constituição de 1988, às instituições de educação infantil quanto a sua autonomia pedagógica, gestão democrática, publicidade e também melhor profissionalização no que se refere aos professores e gestores, além do suporte pedagógico (BRASIL, 1996). As creches têm sua oferta para crianças de zero a três anos de idade e as pré-escolas às crianças de quatro a seis anos, mudando, mais tarde, para até cinco anos com o Ensino Fundamental de nove anos, em que as crianças de seis anos entram no primeiro ano do Fundamental I.

Passado mais de uma década, a Educação Básica continuou instituindo diversos marcos legais. Em 2009, foram fixadas e concebidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI). Este documento normativo serve de orientação a todo planejamento pedagógico das instituições de educação infantil. Tem o intuito de proporcionar equidade nacional aos currículos da educação infantil, preservando as características regionais e a autonomia do trabalho pedagógico.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, de caráter mandatório, orientam a formulação de políticas, incluindo a de formação de professores e demais profissionais da Educação, e também o planejamento, desenvolvimento e avaliação pelas unidades de seu Projeto Político-Pedagógico e servem para informar as famílias das crianças matriculadas na Educação Infantil sobre as perspectivas de trabalho pedagógico que podem ocorrer. (BRASIL, 2009, p. 03)

O avanço que a DCNEI trouxe para a educação infantil está na concepção de criança que ela defende, pois coloca a criança como protagonista da aprendizagem e de todo o agir pedagógico, garantindo suas relações com o ambiente, toda forma de aprender e seu desenvolvimento de maneira ética, estética e política através de todos os seus eixos estruturantes que valorizam as linguagens das crianças. Em consonância a isso, as dimensões do brincar e do cuidar aparecem indissociáveis.

A documentação pedagógica aparece na DCNEI quando aborda a avaliação, pois o documento orienta a criação de procedimentos, pelas instituições de educação infantil, que viabilizem o acompanhamento pedagógico sobre o desenvolvimento da criança “sem objetivo de seleção, promoção ou classificação” (BRASIL, 2010, p. 29), sendo elas:

A observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano; Utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc.); A continuidade dos processos de aprendizagens por meio da criação de estratégias adequadas aos diferentes momentos de transição vividos pela criança (transição casa/instituição de Educação Infantil, transições no interior da instituição, transição creche/pré-escola e transição pré-escola/Ensino Fundamental); Documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto às crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil; A não retenção das crianças na Educação Infantil. (BRASIL, 2010, p. 29)

A importância dessa orientação quanto à documentação pedagógica, diz muito sobre o contexto de educação infantil que se espera que a criança esteja inserida, buscando ser um contexto em que os profissionais estejam preocupados com o pleno desenvolvimento da criança e, portanto, buscando proporcionar momentos de observações

e documentações do cotidiano da infância nas instituições, como um processo de pesquisa e reflexão sobre a criança e todo agir pedagógico proporcionado a ela.

Portanto, esse primeiro momento da contextualização histórica, serve de base para situar a documentação pedagógica enquanto objeto de pesquisa na educação infantil e como esse campo da educação foi se construindo ao longo da história do Brasil.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia desse estudo constrói-se numa abordagem de análise qualitativo que tem como eixo de análise a pesquisa bibliográfica. Como explica os autores Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 6) “a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias (...)”, diferentemente do que seria uma pesquisa documental que parte da premissa de estudar um material que ainda não foi analisado.

A complexidade da pesquisa bibliográfica, se concentra na minuciosidade de cada procedimento metodológico. De acordo com Lima (2007, p.38), “a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”.

Lima (2007, p.39) também ressalta o aumento das pesquisas bibliográficas no universo acadêmico de “caráter exploratório descritivo” e, com isso, reivindica a importância de se atentar a utilização dos métodos e dos procedimentos metodológicos, uma vez que é importante deixar claro a característica e as delimitações da pesquisa.

Após delimitarmos o foco principal desse estudo, buscamos realizar o procedimento de levantamento bibliográfico. A primeira tarefa foi procurar em plataformas digitais de pesquisa trabalhos que apresentassem temáticas relacionadas a documentação pedagógica e observar se as mini-histórias apareciam nas obras. As plataformas utilizadas foram: Portal ANPED, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), SciELO e Google Acadêmico. Os descritores utilizados foram os mesmos nos quatro bancos pesquisados: “Educação Infantil”, “Documentação Pedagógica” e “Mini-Histórias”.

Vale ressaltar que o uso dos três descritores juntos, muitas vezes em algumas plataformas, não apresentava nenhum resultado. Portanto, buscou-se primeiro (em cada plataforma), os descritores “Educação Infantil” e “Documentação Pedagógica”, e depois apenas o descritor “Mini-histórias”. Sendo assim, foram encontrados mais trabalhos com os

dois primeiros descritores, principalmente na BDTD. Já com o descritor “Mini-histórias” foram encontrados alguns artigos e trabalhos de conclusão de curso no Google Acadêmico.

Os intervalos de anos foram delimitados entre 2010 e 2020, visto que o ano de 2010 é marcado pela implementação da DCNEI que orienta, como já relatado neste trabalho, que as escolas de educação infantil criem mecanismos de avaliação do cotidiano das crianças. O segundo critério que utilizamos para delimitar este período refere-se à busca de pesquisas mais recentes sobre a temática estudada.

Após este primeiro levantamento, foi realizado a leitura e fichamento do material pesquisado, buscando observar não apenas a abordagem de cada pesquisa sobre a temática, mas também os pontos que se interligavam na produção de conhecimento. Com esta análise é possível compreender os percursos que os autores transitaram e também os novos caminhos que precisam ser investigados.

Posteriormente, observou-se que era necessário compilar todas as ideias das obras, questionando de que maneira essa literatura poderia contribuir para a pesquisa deste trabalho. Todos os trabalhos encontrados abordavam a documentação pedagógica na educação infantil, entretanto, muitos a enxergaram, por diversas óticas. Neste sentido, a leitura demasiadamente abrangente demandava filtrar os olhares de cada autor. De acordo com Romanowski e Ens (2006, p. 39), as pesquisas bibliográficas “não se restringem a identificar a produção, mas analisá-la, categorizá-la e revelar os múltiplos enfoques e perspectivas”.

Portanto, os pontos que foram emergindo e que serviria para os levantamentos em tabelas e consecutivas análises dizem respeito a concepção de documentação pedagógica e as formas de realização da documentação pedagógica.

Para melhor compreensão, as tabelas foram separadas entre: artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, seguidas de análises.

Ao final de todo o levantamento é realizado uma discussão geral sobre todas as obras encontradas, respondendo aos objetivos de tentar compreender como as produções dos últimos dez anos tem concebido a documentação pedagógica, bem como a relação de quantidade de obras por categorias, sendo este um ponto significativo para entender qual o aprofundamento que se têm buscado sobre a temática e como as mini-histórias emergem, nesse campo, como objeto de pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O levantamento a seguir, trata-se de uma tabela que busca mapear todos os trabalhos encontrados nas quatro plataformas pesquisadas. Apresentando, primeiramente, uma visão geral de onde se concentram os descritores “Educação Infantil”; “Documentação Pedagógica” e “Mini-Histórias” e a relação de quantidades de trabalhos em cada ano, com intervalo entre 2010 e 2020.

TABELA 1			
Distribuição geral			
Plataformas			
Descritores			
2010/2020			
Quantidade			
DISTRIBUIÇÃO GERAL			
Plataforma	Descritor	Quantidade	Ano / Quantidades
SciELO	Educação Infantil; Documentação Pedagógica.	02	2017/ 1 2018/ 1
SciELO	Mini-histórias.	0	-
ANPED	Educação Infantil; Documentação Pedagógica.	01	2015/ 1
ANPED	Mini-histórias.	0	-
BDTD	Educação Infantil; Documentação Pedagógica.	25	2010/- 2011/2 2012/1 2013/1 2014/3 2015/2 2016/3 2017/1 2018/4 2019/7 2020/1
BDTD	Mini-histórias	01	2013/ 1
Google Acadêmico	Educação Infantil; Documentação Pedagógica.	04	2011/ 2 2012/ 1 2014/ 1

Google Acadêmico	Mini-histórias.	06	2018/ 2 2019/ 3 2020/ 1
TOTAL: 39			2010 – 2020

Fonte: elaborado pela própria autora

No período referido, foram encontrados um total de trinta e nove (39) obras. Observa-se a crescente a partir de 2016, principalmente de 2018 a 2020, sendo 2019 o ano com maior incidência entre todas as plataformas com os três descritores.

A BDTD foi a plataforma que mais apresentou trabalhos e, por se tratar de uma plataforma de dissertações e teses, é possível observar que pesquisas com a temática sobre documentação pedagógica e educação infantil estão em ascensão significativa. Em contrapartida, a questão da mini-história ainda é pouco abordada nas pesquisas científicas realizadas no Brasil.

As tabelas a seguir, terão como propósito analisar as distribuições de trabalhos por plataformas e categorias.

TABELA 2			
Distribuição por plataforma			
2010/2020			
Categoria/Artigos			
SciELO			
Autor	Título das publicações	Categoria	Ano
HORN, Cláudia Inês e FABRIS, Elí Henn	“Registro docente contemporâneo: infância e docência em tempos digitais”	Artigo	2017
SIMIANO, Luciana Pandini	“A documentação pedagógica como narrativa peculiar na creche”	Artigo	2018
ANPED			
Autor	Título das publicações	Categoria	
MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes	“A documentação pedagógica no cotidiano da educação infantil: estudo de caso em pré-escolas públicas”.	Artigo	2015
Google Acadêmico			

Autor	Título das publicações	Categoria	
SILVA, Karin Patrícia, BERTOMEU Virginia Pereira Cegato; BERTOMEU, João Vicente Cegato	“A imagem na documentação pedagógica: a integração da comunicação na formação do professor”.	Artigo	2014
MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes; ALMEIDA Maria Isabel.	“A documentação pedagógica na abordagem italiana: apontamentos a partir de pesquisa bibliográfica”.	Artigo	2012
MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes	“A documentação pedagógica na abordagem de Reggio Emilia”.	Artigo	2011
GONTIJO, Flávia Lamounier	“Documentação pedagógica como instrumento de reflexão e produção docente na educação infantil”.	Artigo	2011
DOS SANTOS, Cristiele Borges; FLORES, Rafaela.	Mini-histórias: uma comunicação para quem?.	Artigo	2019
DOS SANTOS, Cristiele Borges; CERON, Liliane	Mini-histórias: uma comunicação que torna visível a vida cotidiana na creche e aproxima família e escola.	Artigo	2018
DOS SANTOS, Cristiele Borges; CONTE, Elaine; HABOWSKI, Adilson Cristiano	Pedagogia das imagens na educação infantil: mini-histórias e a documentação pedagógica	Artigo	2019

FOCESI, Luciane Varisco; PRESSER, Mariana; HECK, Viviane Zimmermann	Mini-histórias no processo de adaptação e acolhimento: narrativas de escuta, acolhida e reflexão	Artigo	2020
--	--	--------	------

Fonte: elaborado pela própria autora

Esta tabela traz um panorama sobre os artigos encontrados na SciELO, ANPED e Google Acadêmico, de pesquisas em revistas eletrônicas e apresentações no Fórum da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo/RS, entre 2018 e 2019.

Os primeiros trabalhos tabulados focalizam, especialmente, a documentação pedagógica como fruto de pesquisas de mestrado e doutorado. Enquanto que os últimos trabalhos circunscritos à temática mini-histórias, são de participantes do Observatório da Cultura Infantil – OBECI. Vale mencionar que este observatório se caracteriza como “uma comunidade de apoio ao desenvolvimento profissional” (FOCHI, 2019, p. 9), do qual algumas escolas de educação infantil participam, sendo mediada por Paulo Fochi, autor pioneiro nos estudos sobre mini-histórias no campo da educação infantil brasileira.

TABELA 3	
Concepção de Documentação Pedagógica	Total de 11 trabalhos
Avaliação	-
Comunicação	6
Mediação	-
Instrumento de reflexão/formação e produção docente	5

Fonte: realizado pela autora

Dado as leituras realizadas, a presente tabela apresenta as concepções de documentação pedagógica de cada autor. Tem como objetivo traçar como as pesquisas têm concebido a documentação pedagógica, ou seja, como cada autor a define; o que substancia a documentação pedagógica enquanto objeto de pesquisa. Nos artigos lidos as concepções

que mais apareceram foram: comunicação e instrumento de reflexão/formação e produção docente.

Entende-se por comunicação a visão de levar para toda a comunidade escolar os acontecimentos do cotidiano das crianças na educação infantil, não se restringindo apenas ao conhecimento do professor. Assim, explica Gontijo (2011, p. 122): “a prática de documentação pedagógica é uma possibilidade de reflexão docente e de comunicação entre as pessoas envolvidas nas relações com as crianças”.

Pode-se observar que os artigos que mais compreendem a documentação pedagógica como comunicação, são aqueles que tem como foco as mini-histórias. Este modo de documentar revela a preocupação dos educadores, que utilizam esta prática, em comunicar o protagonismo das crianças e o quanto esses curtos momentos revelam suas aprendizagens. “Essa forma de comunicação vem se disseminando, e vários profissionais tem se aventurado na escrita de narrativas” (DOS SANTOS e FLORES, 2019, p. 2).

A outra concepção mais recorrente foi a documentação pedagógica como instrumento de reflexão/formação e produção docente. Essa concepção foi observada quando os autores, em sua maioria, defendiam com muita propriedade a importância da documentação pedagógica como um instrumento fundamental na prática do trabalho docente, trazendo à luz da reflexão das práticas dos professores, as relações com as crianças.

A documentação pode estar a serviço do educador (na reflexão sobre a prática, na avaliação do processo de aprendizagem das crianças, no planejamento, contribuindo para seu processo de formação e desenvolvimento profissional e melhoria da ação), das crianças (quando elaboram seu portfólio de aprendizagem, selecionando produções, imagens, textos que irão compor o documento, construindo, junto com o educador, a memória de seu percurso de formação), e dos pais (como instrumento de acesso ao trabalho pedagógico desenvolvido pela escola e à trajetória da criança naquele grupo). (MARQUES, 2015, p. 4)

As demais formas de conceber a documentação pedagógica serão discutidas na categoria de dissertações e teses.

TABELA 4	
Formas mais recorrentes de realizar uma documentação pedagógica	Total de 11 trabalhos
Portfólios	-
Mini-Histórias	4
Múltiplos Registros	7

A presente tabela apresenta a forma como a documentação pedagógica é encontrada nos ambientes práticos da educação infantil, sendo essas: portfólios, mini-histórias e múltiplos registros.

Observa-se que a categoria “múltiplos registros” foi a mais encontrada entre os artigos. Alguns autores trazem como: registro, múltiplos registros, vários registros. Portanto, foi denominado para tabulação a nomenclatura “múltiplos registros”, contextualizando como os autores trazem essa prática da documentação pedagógica e também porque a DCNEI traz essa terminologia ao se referir à documentação pedagógica: “Utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc.) (BRASIL, 2010, p. 29).

Como já esperado, até mesmo pelos títulos encontrados, a outra forma mais recorrente de documentação pedagógica é a mini-história. Porém, atenta-se para a questão da maioria dos autores participarem da OBECI. Logo, esses artigos sobre as mini-histórias situam-se em um mesmo contexto de estudos sobre as práticas da documentação pedagógica.

Alguns artigos salientam a importância das imagens na documentação pedagógica, destacando o uso de fotografias na produção de mini-histórias.

A tabela a seguir refere-se a dois trabalhos de conclusão de curso de graduação que remetem a discussão sobre mini-histórias, mas não como foco da pesquisa.

TABELA 5			
Trabalho de Conclusão de Curso			
Foco Secundário / Total de 02 trabalhos			
Descritor: Mini-Histórias			
Google Acadêmico			
Autor	Título das Publicações	Categoria	Ano
FORMIGHERI, Andréia	Ateliê na pré-escola: uma perspectiva de planejamento.	Trabalho de Conclusão de Curso	2019

KIRCHHEIM, Vânia	O corpo e o protagonismo da criança no cotidiano da educação infantil—práticas possíveis através de contextos de brincadeiras.	Trabalho de Conclusão de Curso	2018
---------------------	--	--------------------------------	------

Ambos os estudos foram tabulados separadamente dos demais, por não terem como foco as mini-histórias ou a documentação pedagógica, mas por serem pesquisas no campo da educação infantil que utilizaram as mini-histórias de modo secundário.

TABELA 6			
Distribuição por plataforma 2010/2020			
Categoria/Dissertações e Teses			
BDTD			
Autor	Título das publicações	Categoria	Ano
AMANCIO, Isabel Aparecida Pareira	Portfólio: desafio à prática e à formação docente	Dissertação	2011
BARACHO, Nayara Vicari de Paiva	A documentação na abordagem de Reggio Emilia para a educação infantil e suas contribuições para as práticas pedagógicas: um olhar e as possibilidades em um contexto brasileiro	Dissertação	2012
VIERA, Flaviana Rodrigues	A formação de professoras em uma creche universitária: o papel da documentação no processo formativo	Dissertação	2013
FOCHI, Paulo Sergio	“Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?” : documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em contextos de vida coletiva”.	Dissertação	2013

AMARAL, Maria Cristina Fontes	Registros e avaliação na educação infantil: entrecruzando olhares para qualificar as práticas	Dissertação	2014
CARDOSO, Juliana Guerreiro Lichy	A documentação pedagógica e o trabalho com bebês: estudo de caso em uma creche universitária	Dissertação	2014
MOREIRA, Juliana Corrêa	Avaliação na educação infantil a documentação pedagógica e as práticas docentes no contexto dos direitos das crianças	Dissertação	2015
GALVANI, Vanessa Marques	Uma nova lente para o professor: potencialidade da fotografia como dispositivo de pesquisa para ações pedagógicas	Dissertação	2016
KAWADA, Valdejane Tavares	A documentação pedagógica como mediação à construção do conhecimento escolar na Educação Infantil	Dissertação	2016
AMARO, Vanélli Pires	Avaliação na educação infantil: percepções de professoras de um centro de educação infantil municipal de Sorocaba (SP)	Dissertação	2018
DIAS, Maria Júlia de Oliveira	Percursos da formação do professor para uso da documentação pedagógica como registro histórico	Dissertação	2018
NANAKA, Marcia Sayoko	Contribuições da formação continuada a professores de crianças de zero a três anos	Dissertação	2018
TOQUETÃO, Sandra Cavaletti	Narrativas digitais multimodais na formação de professores da educação infantil	Dissertação	2018
ARANTES, Liduina Vieira	Processos avaliativos e documentação pedagógica na Pré-Escola da rede municipal de Rio Verde – Goiás	Dissertação	2019

CARDOSO, Rosimeire dos Santos	A leitura da documentação pedagógica com o crivo de referenciais freireanos: subsídios para uma formação de professoras que trabalham com bebês e crianças pequenas	Dissertação	2019
GAVA, Fabiana Goveia	Avaliação na educação infantil: sentidos atribuídos por professores na creche	Dissertação	2019
GUIMARÃES, Onileda de Souza Matta	O processo de documentação pedagógica em uma experiência formativa com professoras na educação infantil: um encontro com o princípio ético	Dissertação	2019
LISBOA, Anna Carla Luz	O processo de documentação pedagógica em uma experiência formativa na educação infantil: um olhar para a dimensão estética	Dissertação	2019
PIRES, Vlândia Maria Eulálio Raposo Freire	Os registros imagéticos - fotografias e filmagens - como potenciais documentos inspiradores da prática docente reflexiva na Educação Infantil	Dissertação	2020
MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes	A construção de práticas de registro e documentação no cotidiano do trabalho pedagógico da educação infantil	Tese	2011
COLASANTO, Cristina Aparecida	Avaliação na educação infantil: a participação da criança	Tese	2014
SIMIANO, Luciane Pandini	Colecionando pequenos encantamentos... a documentação pedagógica como uma narrativa peculiar para e com crianças bem pequenas	Tese	2015
GOMES, Luciana Kellen de Souza	O dito e o vivido: concepções e práticas avaliativas na educação infantil da rede municipal de Fortaleza	Tese	2016
HORN, Cláudia Inês	Documentação pedagógica: a produção da criança protagonista e do professor designer	Tese	2017

FOCHI, Paulo Sergio	“A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico: o caso do observatório cultural infantil: OBECI	Tese	2019
PINTO, Viviane Fernandes Faria	Entre práticas e narrativas: a avaliação no cotidiano da educação infantil	Tese	2019
TOTAL: 26			

Fonte: elaborado pela própria autora

Esta tabela traz a categoria de dissertações e teses encontradas com os três descritores propostos na BDTD, sendo um total de 26 obras. A busca de imediato apresenta cerca de 83 trabalhos.

Portanto, foi necessário ler cada resumo para encontrar quais trabalhos se encaixavam na proposta desta pesquisa, ou seja, trabalhos no campo da educação, especialmente na educação infantil, que tivessem como foco a documentação pedagógica.

Vale ressaltar que a primeira dissertação da tabela, do autor Amancio (2011), com o título “Portfólio: desafio à prática e à formação docente”, não é do campo da educação, mas da linguística, sendo escolhido junto com os demais por abordar a documentação pedagógica como seu objeto de pesquisa e destacar o seu papel na formação docente.

TABELA 7	
Concepção de Documentação Pedagógica	Total de 26 trabalhos
Avaliação	9
Comunicação	-
Mediação	2
Instrumento de reflexão/formação e produção docente	15

Fonte: elaborado pela autora

Esta tabela, com o mesmo propósito da tabela 3, apresenta a concepção de documentação pedagógica entre as vinte e seis obras encontradas na BDTD. Diferentemente

dos artigos, a maioria das dissertações e teses focalizam a documentação pedagógica como instrumento de reflexão/formação e produção docente, totalizando 15 obras.

A segunda concepção mais abordada foi: avaliação. Pode-se observar que os autores que concebem a documentação pedagógica como avaliação referem-se à prática docente, ou seja, como os professores podem utilizar esse procedimento na avaliação do desenvolvimento infantil. Mas, não se pode esquecer que o termo avaliação é abrangente e polêmico, trata de:

(...) um conceito que envolve multiplicidade de concepções e finalidades, o que acaba dificultando sua definição especialmente no âmbito da educação de bebês e crianças bem pequenas, dada sua especificidade. A dificuldade em conceber um processo avaliativo na Educação Infantil é fruto da própria evolução histórica desta etapa educativa, cuja origem é ambigualmente marcada pelos pressupostos assistencialistas e da escola de ensino fundamental. (MOREIRA, 2015, p. 29)

Pode-se observar, ainda, que a concepção de mediação aparece em dois trabalhos. Esse termo foi utilizado para conceber a documentação pedagógica entre o agir docente e a criança. Um dos trabalhos defendem o termo avaliação de acordo com os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI) de 1998. Apontam “desdobramentos pedagógicos que, envolvem os eixos curriculares, conteúdos, atividades, tempos, o registro e a Documentação Pedagógica, como mediação específica do acompanhamento e avaliação nas escolas da Educação Infantil”. (KAWADA, 2016, p. 27).

Neste conjunto de obras nenhum trabalho foca a documentação pedagógica como instrumento de comunicação.

TABELA 8	
Formas mais recorrentes de realizar uma documentação pedagógica	Total de 26 trabalhos
Portfólios	1
Mini-Histórias	1
Múltiplos Registros	24

Fonte: elaborada pela autora

Assim como a tabela 4, na tabela 8 os múltiplos registros são mais recorrentes, até mesmo por se tratar, em sua maioria, de pesquisas de campo, nas escolas de educação infantil brasileira, em que os pesquisadores se aprofundam da temática e encaram diversas formas de documentar o cotidiano das crianças.

A pesquisa que focaliza os portfólios é a obra do campo da linguística já mencionado, em que se propõe a “analisar e compreender criticamente quais discursos sobre infância são instaurados nos portfólios, como documentação pedagógica, de educação infantil” (AMANCIO, 2011, p. 6).

As mini-histórias aparecem na obra de Paulo Fochi (2013), quando ele realiza sua pesquisa acerca do cotidiano do berçário. Fochi apresenta a importância da documentação pedagógica enquanto objeto de reflexão do agir docente, possibilitando que o educador problematize o dia a dia das crianças bem pequenas na educação infantil.

TABELA 9		
Distribuição das produções por orientador		
Categoria/Dissertações e Teses		
ORIENTADOR	QUANTIDADE	CATEGORIA
ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de	2	Dissertação
BARBOSA, Ivone Garcia	1	Dissertação
BARBOSA, Maria Carmem Silveira (tese)	1	Dissertação
	1	Tese
BRITO, Luiz Carlos Cerquinho de	1	Dissertação
LIBERALI, Fernanda Coelho	2	Dissertação
MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias	1	Dissertação
MICARELLO, Hilda Aparecida Linhares da Silva	1	Dissertação
MOMO, Mariangela	1	
NASCIMENTO, Fabricio do	1	Dissertação
NICOLAU, Marieta Lucia Machado	1	Dissertação
PINAZZA, Monica Appezzato	2	Dissertação
	1	Tese
SANT'ANA, Izabella Mendes	1	Dissertação
SAUL, Ana Maria	1	Dissertação
SIMIANO, Luciane Pandini	2	Dissertação
TOMAZZETTI, Cleonice Maria	1	Dissertação

ALMEIDA, Maria Isabel de	1	Tese
CAMPOS, Maria Malta	1	Tese
CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima	1	Tese
FABRIS, Elí Terezinha Henn	1	Tese
MÜLLER, Fernanda	1	Tese

Fonte: elaborado pela própria autora

A presente tabela foi elaborada com o intuito de trazer um panorama da relação de orientações, procurando apontar quais pesquisadores mais orientaram estudos sobre documentação pedagógica nos últimos dez anos, entre dissertações e teses.

Observa-se uma distribuição ampla de orientadores, e a concentração de duas orientações em três orientadores. Especula-se que essa amplitude de orientadores esteja relacionada ao fato da categoria de trabalhos e que, possivelmente, com futuras pesquisas de trabalhos de conclusão de cursos ou novas dissertações e teses, a demanda possa aumentar e mais trabalhos sejam distribuídos.

TABELA 10	
Distribuição por instituições	
Categoria/ Dissertações e Teses	
INSTITUIÇÃO	QUANTIDADE
PUC/SP	6
UFAM	1
UFC	1
UFSCar/Sorocaba	2
UFJS	1
UFG	1
UFRN	1
UFRGS	2

UnB	1
UNISINOS	1
UNISUL	2
UFSM	1
UPM	1
USP	5

Fonte: elaborado pela própria autora

Essa tabela foi elaborada a fim de dar visibilidade à distribuição de dissertações e teses por Estados do Brasil. Nota-se que a maior concentração está na região sudeste, principalmente na Pontífica Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP e Universidade de São Paulo – USP.

É notório que é amplo, em nível de território nacional, as obras realizadas e, assim como a tabela anterior, sobre a distribuição de obras por orientadores, observa-se que a temática sobre documentação pedagógica tem se expandido e, futuramente, haverá mais pesquisas sobre as práticas de documentação na educação infantil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiência em realizar esta pesquisa bibliográfica, foi possível compreender, de forma mais sistematizada, a caracterização das produções no campo da educação infantil com foco na documentação pedagógica e de que maneira as mini-histórias aparecem com um importante papel dentro dessa temática.

Nos estudos analisados nota-se que o protagonismo das crianças na educação infantil tem ganhado espaço e quebrado barreiras da educação tradicional. O esforço vem no sentido de deslocar o professor como centro do processo de ensino-aprendizagem e enfatizar o espaço da criança no processo de escuta pelos educadores.

Através do levantamento a respeito de como os autores concebem a documentação pedagógica, observa-se que muitos se baseiam nas propostas de Reggio Emília. Assegura-se que os materiais desenvolvidos pela documentação pedagógica sejam capazes de trazer à reflexão docente um outro olhar sobre a criança. Conforme destacado por Fochi (2013), Malaguzzi, por meio da documentação pedagógica, viabilizou uma outra imagem de criança. Uma criança capaz de criar e produzir o novo. A documentação pedagógica permite, então, uma maior aproximação dos processos de desenvolvimento simbólico da criança na

atividade de brincadeira, possibilitando conhecer mais sobre ela e o seu contexto, de modo a considerar as formas singulares de vivenciar a realidade social e produzir conhecimento. A escuta é, portanto, um gesto ético e estético essencial nessa prática, que sustenta a voz da criança.

Segundo Baracho (2012), o processo de documentar, é um caminho que, inicia-se pela observação e requer atenção do professor, levando em conta cada detalhe do agir infantil que indica os caminhos e as possibilidades de desenvolvimento, sejam por meio de “falas, gestos e produções das crianças que possam servir como ‘pistas’” (BARACHO, 2012, p. 44).

Procurando compreender, além das concepções, como se materializa a documentação pedagógica nas práticas da educação infantil, as bibliografias apresentam, em grande parte, a possibilidade de múltiplos registros. Esses múltiplos registros aparecem como fotografias, diário de campo, portfólios, filmagens, desenhos, entre outros materiais que servem de base para trabalho docente.

A mini-história, dentro dessa materialização da documentação pedagógica, apresenta-se como um tema recente nos estudos da educação infantil. Podemos observar na pesquisa realizada que as mini-histórias são abordadas, sobretudo nos trabalhos de Paulo Fochi e em trabalhos produzidos no âmbito do grupo que este pesquisador coordena – OBECI. Todos os trabalhos referentes a essa temática se situam em um mesmo contexto de estudos.

É importante comentar que Paulo Fochi é considerado pioneiro nos estudos sobre mini-histórias no Brasil. O autor destaca que o termo mini-história é utilizado pelo estudioso espanhol David Altimir para caracterizar pequenos relatos, em forma de documentação pedagógica, constituídos por imagens e textos que narram o momento vivenciado pela criança e condensa o espaço-tempo das ações registradas. A mini-história configura-se, assim, como objeto de comunicação e registro dos momentos vividos pela criança que podem ser socializados a toda comunidade.

Na pesquisa realizada, foi possível encontrar dois livros disponíveis no Brasil que abordam a temática das mini-histórias. Um deles, já citado, é organizado por Paulo Fochi com um compilado de mini-histórias desenvolvidas pelo OBECI. Outro livro encontrado foi: *As cem linguagens em mini-histórias: contadas por professores e crianças de Reggio Emilia*. Esse livro foi traduzido do inglês para o português e recém lançado no Brasil no final de 2020. Trata-se de uma obra que traz um conjunto de mini-histórias que refletem as memórias das vivências das crianças e dos educadores de Reggio Emilia.

Nota-se, portanto, que a mini-história não é uma prática recente; é uma forma de documentar o cotidiano das crianças que surgiu há anos. Porém, de acordo, com o levantamento bibliográfico, ainda é pouco conhecida. Desse modo, considera-se pela importância de realizar pesquisas com foco nas mini-histórias, enquanto objeto que se insere no campo da documentação pedagógica, pois potencializa observações, reflexões e estudos sobre a infância.



A pesquisa realizada nos permite considerar que *a documentação pedagógica é parte da organização do trabalho docente cuja função é, viabilizar, de forma próxima e efetiva, o acompanhamento dos processos de desenvolvimento infantil de modo a sustentar o protagonismo da criança*. Nesse sentido, a mini-história, ao dar espaço às narrativas e aos processos criativos da criança, pode ser entendida como um procedimento de documentação pedagógica que potencializa a formação e o trabalho docente. Configura-se, portanto, como instância da prática pedagógica que demonstra o quanto as produções das crianças são processos inaugurais e, com isso, ancora o gesto de reivindicar o lugar de defesa da infância.

Figure 6 Mini-história: Pedro descobre Paulo

<p>As oportunidades possíveis na escola podem ser ímpares. Um simples espelho pode ser motivo para grandes descobertas e experiências. João, de 12 meses, sabe disso e, por isso, brinca no espelho. A "solidariedade dinâmica" (DOLCI, 2011) provocada entre os gestos e expressões que ele faz e a imagem no espelho parece interessar o bebê a continuar sua exploração. Entretanto, o que pode estar acontecendo é uma perfeita maneira de João saber mais sobre si, descobrir sua imagem e sobre quem é.</p> <p>As conversas de João são longas. Sons, balbucios, risadas e olhares intensos ressoam enquanto o menino atua em frente ao espelho, parece que nada mais interessa a ele. O reflexo mostra que estou observando ele, que fotografo suas conversas consigo mesmo e, utilizando o espelho, o bebê busca meu contato. Interage com o espelho para estar em relação comigo. Com os olhos, visivelmente, alcança-me para a conversa.</p>	<div style="text-align: right; border: 1px solid black; padding: 2px;">108</div> <div style="background-color: #0070C0; color: white; padding: 5px; text-align: center;"> <h2 style="margin: 0;">MINI-HISTÓRIA</h2> <h3 style="margin: 0;">PEDRO descobre PAULO</h3> </div>  <div style="display: flex; justify-content: space-around; margin-top: 10px;">     </div>
<p>AÇÃO DE COMUNICAR</p>	

Fonte: FOCHI, Paulo Sergio. “Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?”: documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em contextos de vida coletiva. 2013. p. 108

Figure 7 Mini-história: Pedro descobre Paulo

		109
		<p>A nossa conversa deixa de ocupar o espelho e a máquina fotográfica quando João se volta a mim e vem em minha direção me abraçando. Momentos que são rodeados de intensa troca e emoções, que impedem a continuidade do registro da pesquisa. Assim como João abandona o espelho, eu abandono a máquina fotográfica. Esses são registros que só podem ser sentidos e, quando contados, muitas vezes, não conseguem ser registrados.</p>
		
		AÇÃO DE COMUNICAR

Fonte: FOCHI, Paulo Sergio. “Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?”: documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em contextos de vida coletiva. 2013. p. 109

6. REFERÊNCIAS

AMANCIO, Isabel Aparecida Pereira. **Portfólio: desafio à prática e à formação docente**. 2011. 166 f. Dissertação (mestrado em linguística) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

ARCE, Alessandra. **A pedagogia na “era das revoluções”**. [Livro eletrônico]: **uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel**. Campinas/SP: Autores Associados, 2014.

BARACHO, Nayara Vicari de Paiva. **A documentação na abordagem de Reggio Emilia para a educação infantil e suas contribuições para as práticas pedagógicas: um olhar e as possibilidades em um contexto brasileiro**. 2012. 234 f. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Psicologia e Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

BRASIL, Ministério da Educação: **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Parecer CNE/CEB nº: 20/2009, parecer homologado no D.O.U de 09/12/2009, aprovado em 11/11/2009. Seção 1, pag. 14. Disponível em < http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb020_09.pdf> Acesso em 10 dez. 2020.

_____, Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010. 36 p.

_____, Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394compilado.htm> Acesso em 10 dez. 2020.

DA SILVA, Karin Patricia; BERTOMEU, Virginia Pereira Cegato; BERTOMEU, João Vicente Cegato. A Imagem na Documentação Pedagógica: a integração da comunicação na formação do professor. **Perspectiva**, v. 32, n. 1, p. 257-284, 2014.

DOS SANTOS, Cristiele Borges; FLORES, Rafaela. Mini-Histórias: Uma Comunicação Para Quem?. **XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino**. Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 22 de outubro de 2019. Disponível em

https://novohamburgo.rs.gov.br/sites/pmnh/files/secretaria_doc/2019/18_MINI-HIST%C3%93RIAS%20-%20UMA%20COMUNICA%C3%87%C3%83O%20PARA%20QUEM.pdf> Acesso em 10 dez. 2020.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 303-309.

FOCHI, Paulo Sergio. **“Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?”: documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em contextos de vida coletiva**. 2013. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

_____, Paulo Sergio, **A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico: o caso do Observatório da Cultura Infantil – OBECI**. 2019. 347 f. Tese (Educação). – Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____, Paulo Sergio (Org). **Mini-histórias: rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil – OBECI**. Porto Alegre, 2019, 184 p.

GALVANI, Vanessa Marques. **Uma nova lente para o professor: potencialidade da fotografia como dispositivo de pesquisa para ações pedagógicas**. 2016. 168 f. Dissertação (Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

GONTIJO, Flávia Lamounier. Documentação pedagógica como instrumento de reflexão e produção docente na educação infantil. **Paidéia**, v. 10, n. 10, 2011.

KAWADA, Valdejane Tavares. **A documentação pedagógica como mediação à construção do conhecimento escolar na Educação Infantil**. 2016. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

KUHLMAN JR., Moysés. Histórias da educação infantil brasileira. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n.14, p.5-18, aug. 2000. Disponível em:

<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141324782000000200002&script=sci_arttext&tln_g=pt> Acesso em 10 dez. 2020.

LIBÂNEO, J.C.; OLIVEIRA, J.F.; TOSCHI, M.S. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 130 – 158.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, n. SPE, p. 37-45, 2007.

LINHARES, Juliana Magalhães. **A história social da infância**. Sobral: INTA - Instituto Superior de Teologia Aplicada; PRODIPE - Pró-Diretoria de Inovação Pedagógica. 2016. 1º ed. *E-book*. Disponível em: <https://md.uninta.edu.br/geral/historia-social-dainfancia/pdf/historia-social-da-infancia.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2020.

MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes. **A Documentação Pedagógica No Cotidiano Da Educação Infantil: Estudo De Caso Em Pré-Escolas Públicas**. IFSP *Campus* São Paulo. Agência Financiadora: CAPES 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.

MOREIRA, Juliana Corrêa. **Avaliação na educação infantil: a documentação pedagógica e as práticas docentes no contexto dos direitos das crianças**. 2015. 150 f. Dissertações (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes; A História da Educação Infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.33, p.78-95, mar.2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639555/7124>. Acesso em: 29 de mai. 2020.

PAULIN ROMANOWSKI, Joana; TEODORA ENS, Romilda. AS PESQUISAS DENOMINADAS DO TIPO “ESTADO DA ARTE” EM EDUCAÇÃO. **Revista Diálogo Educacional**, [S.l.], v. 6, n. 19, p. p. 37-50, jul. 2006. ISSN 1981-416X. Disponível em:

<<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/24176>> Acesso em: 10 dez. 2020.

REGGIO CHILDREN; ESCOLAS E CRECHES DA INFÂNCIA DE REGGIO EMÍLIA. **As cem linguagens em mini-histórias: contadas por professores e alunos de Reggio** Porto Alegre: Penso, 2021. 100 p.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: < <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351/pdf>> . Acesso em: 10 dez. 2020.

SIMIANO, Luciane Pandini. A documentação pedagógica como narrativa peculiar na creche. **Pro-Posições** , Campinas, v. 29, n. 3, pág. 164-186, setembro de 2018. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/pp/v29n3/0103-7307-pp-29-3-0164.pdf>> Acesso em 10 dez. 2020.